CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA DEPUTADA LUCIA CARVALHO

Ao Protocolo Legislativo para registro e, em seguida, à CCJ e à CAS.
Em 15/08/2000
Itamar Pinheiro
Chefe da Assessoria de Plenário

PL 1468/2000

LIDO
Em 15/08/00
Assessoria de Plenário

PROJETO DE LEI Nº
(Da Deputada Lucia Carvalho)

Dispõe sobre a distribuição gratuita de medicamentos para portadores de câncer e dá outras providências.

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL DECRETA:

Art. 1º Aos portadores de câncer é assegurado o fornecimento gratuito pela rede pública de saúde do Distrito Federal dos medicamentos essenciais para o tratamento de dores refratárias.

Parágrafo único. Para fazer jus ao benefício instituído por esta Lei, o portador de câncer deverá comprovar:

I – que o uso dos medicamentos é indispensável ao seu tratamento;

II – que os medicamentos não podem ser adquiridos sem comprometer seu próprio sustento ou de sua família.

Art. 2º O Poder Executivo definirá o órgão responsável pelo cadastramento dos beneficiários, fornecimento gratuito dos medicamentos e controle de sua distribuição e de sua utilização.

Art. 3º Esta Lei será regulamentada no prazo de 90 dias contados da data de sua publicação.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

PROTOCOLO LEGISLATIVO
PL n.º 1468/2000
Fls. n.º 01

JUSTIFICAÇÃO

O Brasil é um País que investe pouco em saúde. Em média, gastamos U$ 280 por ano, enquanto nossa vizinha Argentina gasta U$ 795, e os EUA, 3.858.

Por outro lado, temos uma das piores distribuição de rendas do mundo. Há milhões de brasileiros na mais absoluta miséria, para que alguns poucos figurem entre os de maior fortuna do mundo. Só com ações efetivas do Poder Público é possível minimizar o sofrimento de inúmeras pessoas, excluídas de todo o progresso humano, que padecem de doenças incuráveis, carentes de tratamento continuado, e que não têm condições de comprar os medicamentos necessários a amenizar o sofrimento seu e de sua família.

É fato que o SUS não distribui os remédios gratuitamente para o tratamento do câncer e que são muitos os casos de pacientes terminais que recebem alta do hospital para padecer em casa.

A situação é tão grave que *"A dor dos doentes sensibiliza o médico e os enfermeiros que integram o SAMED, um projeto-piloto do Hospital Regional*

de Sobradinho que dá assistência médica na casa dos pacientes. 'A gente acaba se envolvendo com alguns deles. Não queremos vê-los sofrer', admite o médico, que vez ou outra tira dinheiro do próprio bolso para o doente não ficar sem o remédio que ameniza a dor." (Correio Braziliense, *Coisas da Vida,* de 28.7.2000).

O professor de Pediatria na Universidade de Brasília Dioclésio Campos Júnior é da mesma opinião. Afirma ele que os médicos muitas vezes acabam se cotizando para comprar remédios para seus pacientes, pois *"é duro demais prescrever a medicação para uma criança e saber que a mãe não vai ter condições de comprar",* disse ele ao Correio Braziliense.

Como há condições de o Distrito Federal amenizar o sofrimento dos pacientes com câncer, dando-lhes os medicamentos, rogamos aos ilustres Pares que aprovem o presente Projeto de Lei para que aquelas pessoas mais carentes possam ser mais bem tratadas como seres humanos.

Sala das Sessões, em 15 de agosto de 2000

LUCIA CARVALHO
Deputada Distrital - PT

PROTOCOLO LEGISLATIVO
PL n.º 1468/2000
Fls. n.º 02 BIA

Correio Braziliense, Coisas da Vida 28.7.00

PROTOCOLO LEGISLATIVO
PLV n.º 1466/2000
Fls. n.º 03
BSA

SOFRIMENTO SEM FIM

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

A mulher que está no portão de casa estampa um sorriso largo no rosto sofrido, enrugado, ao ver o médico sair do carro. "Esta noite que passou, ele que era mudo, gritou a noite inteira. Acho que é dor", conta, afoita, a mãe do rapaz de 27 anos, entrevado numa cama de um quarto escuro, sem conforto e televisão, na Quadra 9 de Sobradinho. Um ano depois da depressão profunda e do derrame cerebral, o rapaz rompe o prolongado silêncio para denunciar a dor.

"Ele precisa tomar um comprimido de Tramal de quatro em quatro horas, mas de antemão sei que a família não vai ter condição de comprar", lamenta o médico Walter Gaia. A caixa do remédio, com 10 comprimidos, é encontrada nas farmácias do Distrito Federal por R$ 25. É muito para a dona de casa Irani Cipriana, que só tem a pensão de R$ 151 para sustentar o filho doente, com feridas profundas na perna, e uma menina de 11 anos.

Na ponta do lápis, ela gastaria R$ 450 no mês para comprar as 18 caixas de Tramal. O remédio controlado, vendido somente com receita médica especial, não é distribuído gratuitamente pelo Ministério da Saúde. O médico sanitarista lamenta. Das visitas de casa em casa, em bairros pobres de Sobradinho, o sanitarista vive a rotina de tratar de pacientes com doenças crônicas. Muitos em estágio terminal, quando a dor é quase insuportável.

A dor dos doentes sensibiliza o médico e os enfermeiros que integram o Samed, um projeto-piloto do Hospital Regional de Sobradinho que dá assistência médica na casa dos pacientes. "A gente acaba se envolvendo com alguns deles. Não queremos vê-los sofrer", admite o médico, que vez ou outra tira do próprio bolso o dinheiro para o doente não ficar sem o remédio que ameniza a dor. Bazares, festas juninas e as tradicionais "vaquinhas" entre clubes de serviço e entidades beneficentes ajudam a arrecadar dinheiro para a compra dos medicamentos de uso controlado. Amostras grátis oferecidas pelos laboratórios farmacêuticos também ajudam, mas não são suficientes. Dos 180 pacientes atendidos pela equipe do Serviço de Assistência Multiprofissional em Domicílio (Samed), pelo menos 50% são carentes e não têm condições de tomar o medicamento segundo a recomendação médica.

A ex-doméstica Conceição de Oliveira Melandre, 78 anos, é um desses tristes exemplos. Desde os 22 anos, a carioca que nasceu em Canta Galo sofre com problemas de anemia profunda e circulação sangüínea. "Inchava tanto que não conseguia virar na cama. A febre quando vinha era tão alta que desmaiava", conta a mulher, que traz as duas pernas enfaixadas. "Ela tem úlcera varicosa", explica doutor Walter. As feridas na perna, em carne viva, doem, fazem a mulher da cadeira de rodas rezar a Deus.

"Tudo que quero é ficar livre da dor. É tanta que nem consigo dormir", conta a paciente, que não pode ficar sem o remédio, o Trental. Morando de favor na casa de uma neta, na Quadra 2 de Sobradinho, Conceição faz as contas. O salário mínimo, R$ 151, que recebe por invalidez não dá para a comida, o gás, a luz, o remédio e outras despesas na casa alugada. As caixas do remédio são ajuda da equipe do Samed. Mas não dão. Conceição economiza as drágeas que aliviam a dor.

DOENTES CRÔNICOS E CARENTES RECEBEM ALTA DOS HOSPITAIS PARA SOFRER EM CASA. ELES NÃO TÊM DINHEIRO PARA SEGUIR A RECEITA MÉDICA E SENSIBILIZAM MÉDICOS QUE QUEREM A DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DE REMÉDIOS PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE

"Era para eu tomar três comprimidos (no dia), mas estou poupando. Tomo só dois. É difícil comprar", confessa. De noite, a dor não perdoa. Chega junto com a coceira nas pernas. A ex-doméstica cerra os pulsos com força, tenta esquecer o incômodo, lembra de Deus. "Se eu coçar, abre tudo." Quando o remédio acaba e o médico não socorre, Conceição lança mão de analgésicos comuns, como Dipirona e Novalgina, para amenizar a dor sem fim. "O maior castigo do mundo é ficar sem remédio para essa dor."

A luta da equipe do Samed agora é sensibilizar parlamentares no Congresso Nacional para que seja criada uma lei incluindo os doentes incuráveis, que sofrem com dores agudas, no grupo de pacientes crônicos que recebem medicamentos gratuitos do Ministério da Saúde. Aidéticos e diabéticos integram esse grupo. O deputado federal Agnelo Queiroz (PCdoB) defende projeto nesse sentido na Câmara dos Deputados.

O secretário de Saúde, Jofran Frejat, no entanto, acha que não é preciso esperar tanto para dar fim às dores dos pacientes crônicos. "Não sabia que estava ocorrendo isso no Distrito Federal. Houve falta de comunicação", afirma ele. "Se damos a cama, o oxigênio e a bolsa de colostomia para o paciente atendido em casa pelo Samed, por que vou deixar de dar o raio do comprimido? É claro que a Secretaria de Saúde está disposta a bancar esses remédios."

Enquanto o remédio não chega, o bombeiro aposentado Benedito Bispo dos Santos, 63 anos, tenta acomodar-se sobre a cama de casal. Com câncer no fígado e apenas 37 quilos, ele conta orgulhoso de quando era forte, saudável, um bravo combatente do fogo nos cerrados do Distrito Federal. A aposentadoria e o convênio médico garantem o privilégio de não ser derrotado para a dor. Os três remédios, que ele precisa tomar constantemente, nunca faltam.

"A gente dá um jeito e sempre compra", garante Kátia Regina Silva dos Santos, 32, filha de Benedito, o Bené. Mirrado pela doença, mas lúcido, ele critica a falta de remédio que deixa outros doentes como ele serem vencidos pela dor. "Eu sou calmo até demais, mas quando ela chega, eu não agüento. É uma sensação muito esquisita, que procuro esquecer quando não estou sentindo", desabafa. "O governo não deveria deixar ninguém com dor. Só quem passa por isso sabe o que é."

VERGONHA NACIONAL

O professor de Pediatria na Universidade de Brasília (UnB) Dioclésio Campos Júnior acompanha o sofrimento de doentes crônicos, carentes, no seu dia-a-dia de médico no Hospital Universitário. "É duro demais prescrever a medicação para uma criança e saber que a mãe não vai ter condições de co prar", diz ele, que confessa comum ver médicos se cotiz do para não deixar pacien sem medicamento. "Não vi i uma ou três vezes. É prática gular entre os médicos. Eu m mo já comprei."

Por conta disso, Dioclési um dos defensores do proj do deputado federal Agn Queiroz. "É chocante essa cessidade de remédio. U vergonha que ocorre em tod país", critica o pediatra. "O tado não está cumprindo íntegra o dever constitucio de assegurar saúde ao cidad O que adianta dar a ele a c sulta e a receita, se ele não dinheiro para o medicamen É deixar a saúde pelo meio caminho."

O Ministério da Saúde in ma que realmente medi mentos à base de codeínas morfinas não são distribuí para os postos de saúde, co é feito com os remédios de controlado que chegam mãos de diabéticos, hipert sos, aidéticos e tuberculoso justificativa é o extremo c trole desses medicamentos la vigilância sanitária, já podem ser utilizados como torpecentes.

A assessoria de imprens Ministério da Saúde garan no entanto, que não há f desse tipo de medicament rede hospitalar — a pacie internados. Há tentativas de xibilização do remédio p doentes de câncer em est terminal. Mas não é realid ainda. Enquanto isso, a dor piedosa se esconde na cas brasileiros sem expectativ cura, sem dinheiro para um to de vida sem dor.